

## **PERSPECTIVAS CONTEMPORÂNEAS SOBRE O MUNDO LUSÓFONO**

### **CONTEMPORARY PERSPECTIVES ON THE LUSOPHONE WORLD**

FABIO LANZA<sup>1</sup>

DONIZETE RODRIGUES<sup>2</sup>

JOSÉ C. CURTO<sup>3</sup>

Os processos de globalização e mercantilização marcaram a história do mundo Ocidental. Sob o prisma da expansão marítima, comercial e industrial, tivemos inúmeros processos de colonização e (des)colonização, entre os séculos XV e XX. Nessa trajetória destaque-se a constituição de colônias sob a égide do Império Português com sua língua e religião oficiais. Dessa forma, construiu-se a primeira rede mundial lusófona que, a partir da península Ibérica, expandiu-se por terras africanas, americanas e orientais.

As colônias e ex-colônias portuguesas se consolidaram a partir da expansão capitalista comercial, estabeleceram rotas comerciais e impuseram a violenta escravização de africanos que foram sequestrados e vendidos aos confins coloniais. No entanto, a

- 
- 1 Professor Adjunto do Departamento de Ciências Sociais e do Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais - Mestrado e da Especialização em Religiões e Religiosidades na Universidade Estadual de Londrina - PR (UEL), Brasil. lanza1975@gmail.com
  - 2 Professor Associado de Antropologia (com Agregação em Sociologia) da Universidade da Beira Interior. Investigador-Sênior do Centro em Rede de Investigação em Antropologia (Lisboa), Portugal. donizetti.rodrigues@gmail.com
  - 3 Professor Associado do Departamento de História da York University (Toronto), Canadá. jcurto@yorku.ca

plasticidade do homem português (Hollanda, 1995) e a imposição da língua e do catolicismo possibilitaram, do sul da Europa ao hemisfério sul, a constituição do Mundo Lusófono em diferentes áreas e através de diferentes

...continentes e países. Constituído por Angola, Brasil, Cabo Verde, Guiné-Bissau, Guiné Equatorial, Macau, Moçambique, São Tomé e Príncipe, Portugal, e Timor Leste, este mundo transnacional e cosmopolita inclui actualmente cerca de 250 milhões de falantes de português. Além disso, décadas e mesmo séculos de migrações transnacionais de falantes de português também resultaram em grandes comunidades lusófonas e seus descendentes espalhados por outros espaços, com concentrações consideráveis encontradas principalmente nos Estados Unidos, Canadá, França e África do Sul ... (AEL, 2016, p.1)

Apesar das inúmeras diferenças entre as diversificadas realidades que compõem a porção lusófona do globo, seja entre Macau, Timor Leste, Brasil, Angola e Lisboa, dentre outras, existem traços culturais e religiosos com algumas características similares e que possibilitaram, a partir do século XX, fluxos migratórios entre as diferentes regiões.

Nos séculos XX e XXI, as correntes migratórias dos países lusófonos independentes, com destino à Europa (inicialmente Portugal), também se tornou característico da descolonização e da consolidação do processo de globalização, tendo em vista as novas tecnologias e meios de transporte. Esse segundo momento pode ser considerado uma nova expansão do Mundo Lusófono, pois inúmeros destinos passaram a receber fluxos migratórios de falantes do português e constituir novas regiões lusófonas, muitas vezes encravadas em sociedades que estabeleceram relações sociais sob a perspectiva multicultural ou intercultural.

As relações sociais são sempre culturais (intraculturais ou inter-culturais) e políticas (representam distribuições

desiguais de poder). Ao contrário do multiculturalismo – que pressupõe a existência de uma cultura dominante que aceita, tolera ou reconhece a existência de outras culturas no espaço cultural onde domina – a interculturalidade pressupõe o reconhecimento recíproco e a disponibilidade para enriquecimento mútuo entre várias culturas que partilham um dado espaço cultural. (SANTOS; MENESES, 2010, p.15-16)

Como destaques dessa criação contemporânea do Mundo Lusófono podemos citar as regiões intituladas “Little Portugal”, como, por exemplo, na cidade de Toronto (Ontário, Canadá), Newark (Nova Jersey, Estados Unidos) ou as regiões de predominância de brasileiros, como ocorre em algumas cidades japonesas.

Dentre outros aspectos que compõem a sociedade global, essa nova realidade econômica, política e cultural, do final do século XX e início do XXI, exige das ciências humanas e sociais a emergência de estudos em rede internacional. As reflexões de Octávio Ianni indicam que

Nesta altura da história, no declínio do século XX e limiar do XXI, as ciências sociais se defrontam com um desafio epistemológico novo. O seu objeto transforma-se de modo visível, em amplas proporções e, sob certos aspectos, espetacularmente. Pela primeira vez, são desafiadas a pensar o mundo como uma sociedade global. As relações, os processos e as estruturas econômicas, políticas, demográficas, geográficas, históricas, culturais e sociais, que se desenvolvem em escala mundial, adquirem preeminência sobre as relações, processos e estruturas que se desenvolvem em escala nacional. O pensamento científico, em suas produções mais notáveis, elaborado primordialmente com base na reflexão sobre a sociedade nacional, não é suficiente para apreender a constituição e os movimentos da sociedade global. (IANNI, 1994, p. 147)

É com essa perspectiva de compreensão desse complexo fenômeno global que se propôs e se organizou o “Dossiê internacional: perspectivas contemporâneas sobre o Mundo Lusófono”. Em um

contexto de intensificação das relações comerciais e culturais entre países no âmbito internacional e do incremento na formação de blocos determinados por diversa gama de afinidades e interesses comuns, os vínculos entre os países de língua portuguesa têm despertado um crescente interesse por parte das pesquisas acadêmicas no âmbito das Ciências Humanas e Sociais (Antropologia, História, Sociologia, Ciência Política e Relações Internacionais).

Os artigos selecionados são contribuições originais teóricas e/ou análises de dados empíricos sobre os seguintes eixos temáticos: laicidade/secularização e territórios religiosos em Portugal; tradição e modernidade em Moçambique; cultura, internacionalização e a Capoeira; Educação em Cabo Verde e as políticas educacionais globais; movimento social e resistência estudantil no Brasil e Portugal; e por último, a formação brasileira e releituras a partir do Barroco.

A estratégia dos organizadores e da equipe editorial do referido dossiê ultrapassa a demanda acadêmica hegemônica e produtivista, tendo em vista que está em consonância com a abordagem de Boaventura de Souza Santos e Maria Paula Meneses (2010), em que propuseram

... uma alternativa, genericamente designada por Epistemologia do Sul. Trata-se do conjunto de intervenções epistemológicas que denunciam a supressão dos saberes levado a cabo, ao longo dos últimos séculos, pela norma epistemológica dominante, valorizam os saberes que resistiram com êxito e as reflexões que estes tem produzido e investigam as condições de um diálogo horizontal entre conhecimentos. (SANTOS; MENESES, 2010, p. 12)

Ratificamos a perspectiva de valorizar a produção do conhecimento das respectivas áreas estabelecendo diálogos, entre pesquisadores sobre a realidade brasileira, portuguesa e das comunidades lusófonas pelo mundo, como estratégia de consolidação de produções científicas que contemplem as diferentes regiões que

possuem vínculos identitários, culturais, linguísticos, religiosos ou políticos.

De certa forma, estávamos imbuídos da vontade de dialogar com produções e objetos oriundos do Mundo Lusófono que contemplassem realidades sociais no Oriente e nos continentes africano, americano e europeu. No entanto, essa vontade ainda esbarra na dificuldade em reunir, num mesmo dossiê, contribuições de pesquisadores internacionais, de diferentes áreas científicas, que trabalham com os temas da lusofonia. Assim, essa iniciativa não se esgota nesse momento, mas também se inspira no horizonte apontado pela obra da década de 1930 com o título “América invertida” de Joaquín Torres García (abaixo<sup>4</sup>):

---

4 “Um pergaminho para a reflexão sobre a realidade latino americana em sua complexa amplitude e diversidade cultural. O sul voltado para o norte identifica uma América Latina, cujos paradoxos se iniciam no nome, tomado por empréstimo de um navegador italiano. Como o filho rebelde que abandona a casa paterna para a autonomia da aventura na vida, o antártico sul foi posicionado no norte, perto de uma meia lua, da qual a terra naturalmente se distancia, em direção ao sol, em movimento para a esquerda. O norte determinante foi extirpado e, com ele o México, em claro entendimento de que ao sul sempre caberá a histórica tarefa da auto determinação. Não mais a colônia territorial por direito de descoberta ou a cultural, gestada na histórica dominação da produção intelectual, mas o território autônomo, onde o esforço comum deve cristalizar seus valores constitutivos, encontrando sua definitiva face, da ancestralidade ao momento.” Extraído da Resenha sobre “Exposição Geometria, Criação, Proporção de Joaquín Torres Garcia”, in *Revista Sures*, v.1 2013, disponível em: <https://revistas.unila.edu.br/sures/article/viewFile/21/19>, acessado em 08/12/2016. Revista Digital do Instituto Latino-Americano de Arte, Cultura e História- Universidade Federal da Integração Latino-Americana-UNILA, ISSN 2317-2738.



Figura: América Invertida<sup>5</sup>

A organização desse dossiê nos colocou novos desafios editoriais e de construção de redes de solidariedade entre pesquisadores do mundo da Lusofonia<sup>6</sup>. Por isso, destacamos a Associação de Estudos Lusófonos (AEL), com sede no Canadá, que promoverá sua conferência

5 Fonte: <http://www.contramare.net/site/wp-content/uploads/2015/01/america-invertida.jpg>, acessada em 08.12.2016.

6 Como proposto e discutido no VIII Congresso da Associação Portuguesa de Sociologia, em 2014, na Universidade de Évora, quando ocorreu a mesa-redonda “Sociologia e associativismo científico a partir do Sul: estratégias de articulação nacionais e internacionais”, com a participação de Carmen Leccardi (Presidente da Associação Europeia de Sociologia), Teresa de la Fe (Presidente da Federação Espanhola de Sociologia), Alvarez Sousa (Presidente da Associação Galega de Sociologia) e Ana Romão (Presidente da Associação Portuguesa de Sociologia), e moderada por Eleni Nina-Pazarzi (University of Piraeus, Grécia).

internacional, em 2017, no maior espaço do mundo lusófono: Brasil. Agendada entre os dias de 28 junho e 2 julho, na cidade de Aracajú, capital de Sergipe, com o tema: “O Mundo Lusófono em Movimento: Passado, Presente e Futuro”.

Cabe compreender que, historicamente, Portugal foi sempre um típico país de emigrantes. No século XIX e na primeira metade do século XX, um dos principais destinos foi o Brasil. A partir de 1974, porém, com o fim da ditadura de Salazar, Portugal iniciou um processo de grande transformação política (incluindo a liberdade religiosa) e consequente melhoria das condições sociais e económicas, situação favorável para a atração de imigrantes, de várias regiões do mundo e de diferentes pertenças étnicas-raciais e religiosas (Rodrigues, 2014).

Inseridos na problemática sociológica e antropológica do complexo processo de (e)(i)migração de escala mundial, os fluxos migratórios transnacionais de pessoas - com predominância do sentido do hemisfério Sul para Norte -, é um fenómeno atual e de grande relevância no contexto da globalização, processo onde os imigrantes brasileiros desempenham um papel de relevo, nomeadamente na sua diáspora na Europa, Portugal, em particular.

O fenómeno da globalização e os grandes fluxos migratórios transcontinentais provocam, nas sociedades de acolhimento, significativas mudanças económicas, sociais, culturais, religiosas e identitárias. Sendo o maior grupo de imigrantes em Portugal, é neste contexto de mudanças que a presença de imigrantes brasileiros, com a sua cultura e identidade próprias, marcou a sociedade portuguesa.

Nas três últimas décadas, as religiões afro-brasileiras (candomblé e umbanda), com os/as primeiros/as ‘pais e mães de santo’, começaram a chegar a Portugal e existem, hoje, dezenas de “terreiros” (locais de culto). No início, embora seguindo a diáspora brasileira, essas religiões sincréticas começaram também a atrair, em particular, os nacionais portugueses, que são maioritariamente católicos.

Ao longo da história, as trocas populacionais, de experiências e práticas culturais e religiosas entre o Brasil e Portugal, nos dois sentidos, despertaram sempre um enorme interesse acadêmico, na busca de um melhor entendimento deste fenômeno social/cultural.

É neste contexto de trocas e construções culturais-simbólicas e identitárias que se inserem os dois trabalhos sobre a capoeira, como prática desportiva e cultural, nos dois lados do Atlântico.

Mas o que é capoeira? Segundo João, que estuda esta luta/jogo em Portugal e no Brasil, “os negros escravizados organizaram formas inteligentes de resistência e uma delas no decorrer de sua criação misturou música, dança, expressão corporal, tradições religiosas, agilidade, força, raciocínio, luta, brincadeira e tudo isso camuflado num jogo perfeito chamado de CAPOEIRA” (João, 2011, p. 88).<sup>7</sup>

Ricardo Carvalho, no artigo “Gingando na Lusofonia: A institucionalização da capoeira em Portugal”, estuda a capoeira (uma prática cultural e esportiva de origem afro-brasileira) que chega em Portugal, no final dos anos oitenta, com os imigrantes brasileiros. Com base em entrevistas e a consulta de documentos, aborda a questão da compreensão dos diversos atores sobre o que é a capoeira, bem como as relações de poder entre o Estado e as instituições desportivas representativas dos capoeiristas.

O trabalho de Celso de Brito, “A política cultural da Capoeira contemporânea: uma etnografia sobre os casos brasileiro e português”, um estudo de campo sobre a transnacionalização do ‘Grupo de Capoeira Angola Irmãos Guerreiros’, originou duas categorias ou formas de capoeira: “esporte” (como prática esportiva), modelo predominante em Portugal, e “cultura” (como saber tradicional), que prevalece no Brasil.

---

7 Para um maior aprofundamento do conceito, consultar Paulo Araújo, *Abordagens socioantropológicas da luta/jogo da capoeira* (1997).

Portugal foi fundado no século XII, no contexto da cristandade; portanto, o Cristianismo (de)marcou as fronteiras territoriais e a formação da identidade nacional, com base numa ‘homogeneidade’ étnico-racial (branca), linguística (português) e religiosa (católica). No entanto, antes da formação do Estado-nação, já havia no território a presença de judeus desde o século V. A sul, desde o século VIII, havia a presença de árabes muçulmanos que foram expulsos do território pelas Cruzadas (1096-1253). É de acrescentar ainda os ciganos, com significativa presença no país desde o século XVI (Rodrigues, 2014).

Na segunda metade do século XIX, (pequenos) grupos de imigrantes vieram do norte da Europa e, com eles, missionários das igrejas protestantes históricas: metodista, batista e presbiteriana. Posteriormente, alguns destes líderes religiosos fundaram a Igreja Anglicana Episcopal Lusitana. No início do século XX, chegaram dois movimentos religiosos de origem americana: Igreja Adventista do Sétimo Dia (1904) e Testemunhas de Jeová (1925). Neste período, chegou também um pequeno grupo de seguidores do kardecismo, de origem francesa, que fundou a Federação Espírita Portuguesa, em 1926 (Vilaça, 2006).

Portugal é, ainda hoje, um país predominantemente católico. No entanto, nas últimas três décadas, houve um grande alargamento do ‘campo simbólico-religioso’ (Bourdieu, 1986). Neste contexto, os grupos religiosos, antigos e novos, em maior número e visibilidade são: pentecostal (ligado aos imigrantes brasileiros), cristão ortodoxo, islamismo, hinduísmo e religiões afro-brasileiras. Mas também estão presentes: budismo, judaísmo, igrejas protestantes históricas, espiritismo-kardecista, ‘new age’ e outras religiosidades/espiritualidades minoritárias.

É neste contexto de imigração e diversidade cultural e religiosa em Portugal que se insere o trabalho da Helena Vilaça. No seguimento da sua notável contribuição sociológica sobre o estudo das minorias

religiosas, no texto “Territorialidades Religiosas em Portugal” aborda a pluralidade de identidades, crenças e vivências religiosas (e não religiosas) de grupos católicos e evangélicos em Portugal, numa perspectiva histórica (temporalidades) e geográfica (distribuição, mobilidades e regularidades espaciais, urbanas e rurais). Quem são essas minorias, quando e em que tipo de espaços ocorreu a sua implantação na sociedade portuguesa? Estas são as questões centrais que orientam a autora ao longo deste artigo.

Ao apontar essa territorialidade e diversidade religiosa em Portugal é colocada uma questão de fundo político, ora explícita ora subliminar, às sociedades contemporâneas no que toca a relação entre Estado, democracia, religiões e os múltiplos secularismos.

Assim, o artigo “Sobre o secularismo contemporâneo: o caso de estudo português em período democrático”, de Jorge Botelho Moniz, propõe reflexões que toca, por exemplo, a realidade das sociedades lusófonas, tendo em vista as diferentes dimensões e formas do secularismo na contemporaneidade. A fundamentação teórica apresentada a partir de Alfred Stepan e Rajeev Bhargava contribui com proposições com distintas perspectivas e olhares que são complementares e nortearam a investigação sobre às relações entre o Estado português e as organizações religiosas (igrejas e comunidades) no período democrático, inaugurado com a Revolução dos Cravos em 1974. O pesquisador Jorge Moniz indicou que em Portugal há um modelo de separação com cooperação entre Estado e Igreja, que permite compreender as ambiguidades dos secularismos contemporâneos.

Outras contribuições sobre questões atuais a partir da realidade dos países lusófonos também são valorizadas no Dossiê, como o Sistema de Educação e a relação com as políticas internacionais em Cabo Verde, território insular do continente Africano, composto por 10 ilhas.

Os autores Paulo Sérgio Graça Delgado e Marilândes Mól Ribeiro Melo, no artigo “Reforma Educacional em Cabo Verde e a Internacionalização das Políticas Educacionais”, apresentaram um histórico introdutório a respeito do processo colonial e a independência de Cabo Verde. Posteriormente, compuseram a definição de pesquisa com relação a organização do Sistema de Educação e as dificuldades para implantá-lo com recursos financeiros nacionais. Segundo os pesquisadores, para viabilizar esse projeto educacional e político caboverdiano, optou-se por adotar as orientações internacionais decorrentes das Conferências Mundiais sobre Educação de Jomtien e a de Dakar (UNESCO), que compuseram o movimento de internacionalização das políticas educacionais, também fomentadas pelos Bancos Mundial e Africano de Desenvolvimento. A construção pós-independência do Sistema de Educação local possibilitou romper com a perspectiva educacional colonial que possuía, como características, interesses metropolitanos, elitista e discriminatório que prevaleceu até 1975. Ao mesmo tempo, essa elaboração buscou privilegiar conhecimentos e culturas locais, bem como, consolidar o Estado Nacional democrático em implantação. No decorrer do artigo, destaca-se à Lei de Bases da Educação de 1990 e ao Decreto-lei de 2010, quando, segundo os autores, buscou-se “aprimorar o sistema educacional ‘espelhando-se’ no que acontece nesse campo no cenário global. O foco no capital humano é um exemplo desse movimento”.

Wallace Faustino da Rocha Rodrigues, em seu artigo “O Susto e a Ordem: o Barroco como ferramenta de análise da formação do Brasil”, utiliza o conceito do Barroco para (re)analisar a formação da identidade do povo brasileiro. Os primeiros colonizadores europeus encontram nas terras que se vão transformando no Brasil um (novo) mundo assustador que os leva a questionar sua cosmologia. Destas dúvidas, relacionadas com a imensidade de uma natureza completamente desconhecida, surgem tentativas de ordenar tudo o que

é estranho em seus redores. Estas tentativas, em seu torno, resultam em vários elementos característicos da sociedade brasileira. Neste mundo de incertezas, o desespero, oportunista, ocupa um lugar importante de razão e gera uma dinâmica de movimento de reconstrução prática. Segundo Rocha Rodrigues, o colono, ancestral do brasileiro moderno, esta assim envolvido diariamente num imenso processo de bricolagem sem estrutura, recriando o mundo segundo sua necessidade mais urgente e valendo-se unicamente de seus próprios instintos.

O artigo de Grazielle Acçolini e Mario Teixeira de Sá Jr. intitulado “A AMETRAMO em Moçambique: entre tradição e modernidade”, representa um estudo de campo sobre o papel da Associação de Médicos Tradicionais de Moçambique, organismo profissional constituído, em 1992, e regulamentado pelo governo. Os médicos tradicionais, ou curandeiros, continuam a interferir na vida das comunidades moçambicanas, desde o nascimento, morte e até após a morte. Embora reprimidos, tanto pelo regime colonial como pelo governo pós-colonial marxista, em verdadeiros golpes da modernidade contra a sociedade tradicional, os membros da AMETRAMO têm vindo a constituir, desde 1992, uma espécie de órgão tradicional do governo oficial ou interlocutores ativos na relação entre o governo da FRELIMO e a sociedade moçambicana. Notando a falta de uma base teórica adequada para explicar esse fenómeno, Acçolini e Teixeira de Sá Jr. concluem que “necessitamos de uma antropologia que supere as dicotomizações próprias do pensamento ocidental e que nos permitam compreender instituições” tradicionais-modernas, como a AMETRAMO.

Finalmente, o trabalho de Pablo Emanuel Romero Almada, “A cultura política de 68: Reflexões sobre a resistência estudantil em Brasil e Portugal”, procura re-pensar o movimento estudantil de 1968 em seu sentido mais amplo. As experiências deste movimento são analisadas, não nas arenas centrais onde ocorreram, mas em dois

espaços largamente marginalizados do Sul global: Brasil e Portugal. Apesar do contexto de ambos os países lusófonos ser caracterizado por ditadura - o que em si constitui uma importante diferença com as arenas centrais aonde o movimento se desenvolveu -, a contestação estudantil tomou caminhos divergentes. Enquanto no Brasil a centralidade das mobilizações foi liderada pela União Nacional dos Estudantes, a ausência de uma organização nacional em Portugal fez com que as associações acadêmicas locais tenham ganho um papel muito mais importante. Com relação às demandas reivindicativas, tanto estudantes brasileiros como portugueses, versavam “sobre o mesmo espírito tecnicista, empresarial, e modernizante” de reforma universitária. Todavia, no que toca a violência ditatorial, o quadro era de repressão desvelada e direta no Brasil e, em Portugal, sobretudo de repressão simbólica. O autor conclui haver em ambos os casos “uma ‘certa’ herança crítica de 1968, a construção de uma democracia ‘imaginada’ de baixo para cima, que permitisse a transposição da política do ambiente universitário para o âmbito nacional para a construção de uma nova cultura política: anti-sistêmica, pouco institucionalizada e autonomista”.

Apresentamos novos conhecimentos, sobre as distintas áreas constituídas ao longo do processo histórico, vinculado a matriz de formação lusófona e seus possíveis desdobramentos nas diferentes realidades políticas, culturais e sociais.

## REFERÊNCIAS

AEL, Associação de Estudos Lusófonos (2016). Chamada para Conferência Internacional “O Mundo Lusófono em Movimento: Passado, Presente e Futuro”, p. 1.

Disponível em: <http://lsa.apps01.yorku.ca/wp-content/uploads/2011/12/LSA-CFP-2017-PORTUGUESE.pdf> ; <http://lsa.apps01.yorku.ca/2016/05/call-for-papers-lusophone-studies-association-aracaju-conference/> acessado em 13.12.2016.

ARAÚJO, Paulo (1997). *Abordagens socioantropológicas da luta/jogo da capoeira*. Maia, Instituto Superior da Maia.

- BOURDIEU, Pierre (1986). *Economia das Trocas Simbólicas*. São Paulo, Editora Perspectiva.
- HOLANDA, Sérgio Buarque (1995). *Raízes do Brasil*, São Paulo, 26 ed. São Paulo: Companhia das Letras.
- IANNI, Octávio (1994). Novo paradigma das Ciências Sociais. *Estudos Avançados*. 8 (21), p. 147-163.
- JOÃO, Cleverson São (2011). “*Senzala em Cores’: a capoeira na contra-mão do Atlântico*”. Dissertação de Mestrado em Ciências do Desporto, Universidade do Porto.
- RODRIGUES, Donizete (2014). “Ethnic and religious diversities in Portugal: the case of Brazilian evangelical immigrants”. In Vilaça, Helena et al. (eds.). *The Changing Soul of Europe: Religions and Migrations in Northern and Southern Europe*. London, Ashgate, pp. 133-142.
- SANTOS, Boaventura de Sousa, MENESES, Maria Paula (orgs) (2010). *Epistemologias do Sul*. São Paulo: Cortez.
- VILAÇA, Helena (2006). *Da Torre de Babel às Terras Prometidas: pluralismo religioso em Portugal*. Porto, Afrontamento.